

## TRANSCRIÇÃO

## A EXPULSÃO DOS JESUÍTAS E A CULTURA BRASILEIRA

Eugênio Vilhena de Moraes

Prosseguindo em sua grande ação humanitária, política e social de ensino nos colégios e catequese dos silvícolas, permaneceram os jesuítas no Brasil durante mais de dois séculos, desde 1549, data da sua chegada, até o ano de 1759 em que foram expulsos.

Pioneiros da nossa civilização, ao mesmo tempo que se dedicavam ao ministério espiritual, à cura d'almas, não esqueciam, como filhos que eram de Inácio de Loyola, o cultivo das ciências e das letras. Sob este ponto de vista, foi das mais decisivas a influência que exerceram.

Eles, com efeito, os que "criaram e quase exclusivamente mantiveram por duzentos anos o ensino público entre nós"; eles, os que deram à poesia, à crônica, à história, à filosofia, à eloquência os seus mais antigos representantes num país ainda imerso, pode-se dizer, nas trevas da barbárie; eles, os únicos que na antigüidade estudaram o idioma dos selvagens; eles, os que o reduziram à forma métrica, aplicando-o de par com o português e o castelhano, às primeiras composições do gênero dramático; eles, finalmente, os que tiveram a glória de presidir à formação intelectual dos nossos mais notáveis escritores dos séculos XVII e XVIII. Sendo assim, somos naturalmente levados a indagar qual tenha sido para as letras pátrias a situação que lhes criou a repentina e total cessação dessa influência tão longa e ademais tão profunda do elemento jesuítico.

Sofreram elas com a sua falta ou continuaram marcha regular e progressiva, bafejadas pelo elemento leigo-oficial? Ao tentar a resposta, uma distinção se impõe como preliminar. Não houve decadência nas letras pátrias, se esta se entender referente a todo o lapso de tempo decorrido desde a expulsão dos jesuítas até os nossos dias. Houve, sim, notabilíssimo progresso; não, **post hoc, ergo propter hoc**, como poderia o sofisma concluir, mas pela razão bem simples de que entre os fatores vários que concorrem para a formação e desenvolvimento de uma literatura qualquer, outros existem, certamente, além do fator **jesuíta**. Ela depende, como é notório, além da raça, da língua, da tradição, da nacionalidade, também, em grande parte, do estado social e político do povo, do seu progresso material e econômico, condições estas que não fizeram senão modificar-se, e favoravelmente, de 1759 para cá, de modo tão claro e manifesto, que dispensados nos julgamos de aqui o demonstrar.

Aludindo-se, porém, e nem é outro o pensamento que o quesito exprime, a uma grave perturbação, a um abalo profundo sofrido pelas nossas letras com a expulsão dos jesuítas, imediato a ela e prolongando-se mesmo por dilatado espaço, até que novas influências o viessem contrastar, não pode haver dúvida em se responder pela mais categórica das afirmativas.

A decadência foi completa. Bastaria para de tal nos convenceremos, considerar, quando outras provas não houvesse, as conseqüências que esse mesmo fato produziu em outros países muito mais adiantados do que o nosso e com um progresso literário muito superior ao que havíamos então alcançado.

( ... )

A decadência das letras pátrias, conseqüente à proscricção da Companhia de Jesus, não pode, infelizmente, ser estudada como convinha, à luz de maior número de coevos documentos que de modo ainda mais claro e positivo viessem dar confirmação aos fatos através dos quais ela hoje se nos manifesta.

O indagador os procura e não encontra, ou melhor, encontra, ao procurá-los, outros que não buscava: documentos vergonhosos de uma época tristíssima, em que o despotismo imperante, não pago com martirizar as vítimas, não contente em lhes cercear os meios de defesa, ainda procurava infamar-lhes o nome na posteridade, assacando contra elas as mais nefandas aleivosias, que os áulicos em coro apludindo reforçavam e devastando das bibliotecas e os arquivos para destruir os atestados da sua inculpabilidade e os títulos da sua benemerência. De tudo isto, sim, é que se encontram provas de sobejo. Nem pensamos possa haver alguém que as ponha em dúvida e não saiba que era obsessão do Marquês de Pombal destruir a Companhia de Jesus.

Era ele, de fato, o que divertia a atenção dos negócios do Estado para se dedicar a escrever contra os jesuítas panfletos difamatórios, como a **Relação Abreviada** e a **Dedução Cronológica**, além de outros inúmeros com que o seu editor em Roma, Nicolau Pagliarini, inundava literalmente a Europa; o interceptador de cartas particulares, que publicava; o violador dos mais secretos arquivos, cujos documentos subtraía; o subornador de eclesiásticos venais cuja pena empregava na divulgação e adulteração desses documentos. Essa campanha de libelos não podia ter ficado estéril. Muitas névoas ainda encombrem a verdade. Exagerados os deméritos dos jesuítas, se é que os há, grande parte do bem

que no Brasil fizeram aguarda ainda o historiador de pulso vigoroso que o faça ressurgir.

( Qual a influência dos jesuítas em nossas letras? Decaíram depois da saída dos discípulos de Santo Ignacio de Loyola? em "Anais do Primeiro Congresso de História Nacional", vol. V, págs. 633 a 674. Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/Imprensa Nacional, 1917. O trecho transcrito ocorre às págs. 663 a 665 e 672 a 673. )

\* \* \*